

Rural Semanal

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANO XXVI - nº 05 - 07 a 16 de junho de 2019



UFRRJ

Teoria e prática

Residências Profissionais na UFRRJ
qualificam alunos e possibilitam inserção
no mercado de trabalho

Pág. 4 e 5

**Entrevista:
Karine Vargas**

Professora do DeGeo fala das
ações de extensão na Flona

Pág. 3



Após o contingenciamento de nosso orçamento em 27%, no início de 2019, a UFRRJ sofreu mais um bloqueio, desta vez na ordem de 30% em seu custeio e investimento. Ademais, as Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) foram subtraídas em centenas de bolsas de pós-graduação. Ambas as ações impactaram o

conjunto interno de políticas de apoio a capacitação e formação de nossos alunos e servidores. Quando observamos outras iniciativas do governo, como a desregulamentação do regime de trabalho, precarização do sistema de aposentadoria, alienação de nossas riquezas naturais, desmonte de cadeias produtivas, deses-

truturação das infraestruturas de fiscalização ambiental (levando o país a novamente conviver com grandes queimadas), concluímos que as afrontas contra o ensino público inserem-se em um contexto de organização de um Estado sem qualquer comprometimento com o futuro soberano de nosso país. Neste contexto,

as grandes manifestações dos dias 15/5 e 30/5 em defesa das universidades públicas inserem-se na perspectiva de um esforço mais amplo: o da construção de um projeto de desenvolvimento nacional baseado nas liberdades, na democracia, na cultura, na ciência e tecnologia. A história está ao lado dos que anseiam pela paz e pela vida.

Opinião

As tecnologias não fazem a revolução

Leandro Marlon, mestre em Mídia e Cotidiano (UFF)

Almoçamos olhando as notícias passarem por nossas *timelines*. Mídiaizamos nossas vidas quando vamos aos *shows*, aos jogos de futebol ou mesmo na criação dos filhos. Os *smartphones* se tornaram onipresentes nas relações interpessoais. Contudo, o que pode ser professado como uma nova era de progresso se tornou nossa distopia.

As gerações que Marc Prensky sinalizou no início da década de 2000 como sendo marcadas pela distinção entre ‘nativos’ e ‘imigrantes’ foram superadas pela sua nova perspectiva de uma ‘sabedoria digital’. E o que sabemos em nossas redes? Como utilizamos essas conexões

para saber e, claro, transformar nossos cotidianos?

O primeiro passo, talvez, seja romper com a naturalização de transferir poder às tecnologias. Elas devem ser postas em disputa discursiva e política. Não podemos considerar que elas farão mudanças se a sociedade não mudar. Assim, recuperando o filósofo tcheco Karel Kosik, precisamos desconfiar das aparências postas diante de nós. Não adianta nos entregarmos às promessas feitas, mesmo que por setores que possam parecer defender nossas lutas. Ao nos entregarmos, rendidos à certeza de uma verdade conveniente, tendemos a mergulhar no senso

comum que nos aprisiona. E explico em poucas linhas.

Não há cotidiano sem tomada de posição política. Ao nos apropriarmos das compreensões da filósofa húngara Agnes Heller, precisamos problematizar a naturalidade das ações para alcançarmos o conhecimento da ação ativa na sociedade. Assim, dialogando com o mundo tecnológico posto a nós, podemos negociar com suas imagens através de uma perspectiva em que possamos romper com os espetáculos sedutores que nos levam a consumir. E é aqui que se funda a perspectiva teórica que guia minha atuação enquanto professor

da educação pública e que me permite o uso de uma frase do pesquisador britânico Christian Fuchs que dá título ao texto.

Em tempos de *fake news*, *firehosing* e algoritmos, mais do que debater definições e conceitos, é necessário retomar a dialética entre os interesses hegemônicos e as vontades do povo; entre a Universidade e a educação básica. Isso não se faz com as tecnologias e, menos ainda, sem elas. O caminho é uma urgente ‘Educação Crítica para as Mídias’ que se pauta, em essência, na leitura de mundo pensada pelo nosso bom velho Paulo Freire.

Este espaço é destinado prioritariamente a colaborações da comunidade universitária. O texto deve ter título e nome completo do autor, com tamanho entre 20 e 25 linhas, fonte Arial 12 e espaçamento 1,5. As opiniões expressas são de responsabilidade exclusiva de seus autores. O material deve ser enviado para o e-mail comunicacao@ufrj.br. Também serão publicadas, esporadicamente, reproduções e adaptações de artigos de outras fontes.

Calendário acadêmico

Junho

3 – Prazo final para trancamento de matrícula no primeiro período letivo de 2019; prazo final para solicitação de prorrogação do prazo do curso e reintegração ao curso de graduação para ex-alunos para o segundo período letivo de 2018.

13 – Feriado municipal em Nova Iguaçu (Dia do Padroeiro).

14 – Dia para realização atividades Coletivas e interdisciplinares.

20 – Feriado nacional (Corpus Christi).

Julho

1º a 12 – Início do período para aplicação de provas optativas.

5 a 17 – Período para lançamento das no-

tas finais no Sistema Acadêmico.

13 – Término do primeiro período letivo de 2019.

Agosto

5 – Início do segundo período letivo de 2019.

Meio ambiente em pauta

Professora Karine Vargas, do Departamento de Geografia, faz um balanço da I Semana de Biodiversidade e das ações na Flona Mário Xavier

Yago Monteiro

A preservação ambiental é um assunto em grande destaque na atualidade. Buscamos utilizar no nosso dia a dia medidas que minimizem os impactos ao meio ambiente e conquistem as pessoas ao nosso redor. Mas como espalhar esta consciência de forma mais ampla? Nesse contexto se inserem iniciativas como a Guarda Compartilhada da Floresta Nacional (Flona) Mário Xavier, projeto que organizou recentemente a I Semana de Biodiversidade da Rural.

Nesta edição do **Rural Semanal** entrevistamos a coordenadora do projeto, a professora Karine Vargas, do curso de Geografia. Karine é graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), além de mestrada e doutora em Análise Ambiental e Regional pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEM. Atualmente ela representa a Rural nos conselhos da Reserva Biológica do Tingüá e no Comitê das Bacias Hidrográficas do Rio Guandu. Em nossa conversa, a docente comenta sobre as principais ações da Guarda Compartilhada e seus impactos na comunidade; a participação dos alunos; e a importância da iniciativa de construir a I Semana de Biodiversidade da UFRRJ.

Como se originou o projeto Guarda Compartilhada da Flona Mário Xavier? Karine Vargas – O projeto teve início em 2018. Entre maio e setembro, trabalhamos no mapeamento da trilha, criando um produto didático, um roteiro. Na trilha temos 14 pontos de parada, onde discutimos e apresentamos o local. Em outubro de 2018 comemoramos 32 anos da Flona; foi aí que abrimos a trilha às atividades com escolas e universidades.

Recentemente vimos que o projeto vem ganhando destaque e atraindo mais participantes às trilhas guiadas. Como coordenadora desse projeto de extensão, quais os seus principais objetivos? Karine Vargas – Semanalmente levamos crianças e adolescentes das escolas municipais e estaduais de Seropédica para apresentar esse lugar de grande importância no município, mas que a população pouco conhece. Há um desconhecimento, e a população não tem identificação cultural com esse ambiente. Criamos o projeto para utilizar esse espaço público e transmitir educação ambiental. Junto aos colaboradores e voluntários pensamos que deveríamos atrair um público diferencial, para passar conhecimentos em relação à biodiversidade. Apresentamos a Flona Mário Xavier como um espaço que pode se tornar um museu vivo, já que há condições de fazer diversas pesquisas no local, além de se alinhar à tríade da Universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Os participantes do projeto se uniram e organizaram a I Semana de Biodiversidade da Rural, a qual ocorreu entre os dias 20 e 24 de maio. Quais mo-



Karine Vargas. “Apresentamos a Flona Mário Xavier como um espaço que pode se tornar um museu vivo”

tivos levaram à construção do evento e a escolha deste momento para a primeira edição? Karine Vargas – Este ano resolvemos fazer a I Semana da Biodiversidade pela grande importância do tema. Um dos dias do evento (22 de maio) é o Dia Internacional da Biodiversidade, que passava despercebido pelos eventos da linha ambiental da Universidade. Então, resolvi criar esta Semana. A ideia é que ocorra anualmente. Porém, nos propomos a realizar um evento diferenciado e de extensão, que vá além de palestras, chamando a população. Para isto, trabalhamos com temas culturais, como ocorreu no dia 22, que contou com apresentação da escola de música Villa Lobos e uma exibição de teatro de fantoches organizada por alunos. Assim, conseguimos unir cultura, meio ambiente e arte. Além disso, realizamos oficinas no Jardim Botânico e no Museu de Solos da Rural, minicursos na própria Flona e atividades no Herbário.

Um ponto importante é o esforço dos alunos participantes do projeto, que buscaram atrair moradores de Seropédica para interagirem com o espaço da Flona, principalmente em caminhadas e outras ati-

vidades. Já se observa uma mudança nesse aspecto? Karine Vargas – O que a gente observa é que crianças, adolescentes e até professores da Rural que vão à Flona pela primeira vez se surpreendem com aquele espaço, porque a maioria nem conhecia. Só que ainda hoje ainda temos dificuldade em ver a população da cidade utilizando esse local. Primeiramente porque é um espaço novo, além de só funcionar de segunda à sexta, entre 8h e 16h30. Nesse horário, a maioria trabalha. Além disso, há poucos funcionários; uma situação de crise nas unidades de conservação ambiental, o que não permite o funcionamento aos fins de semana. Mas vemos muita gente já frequentando o local, incluindo evangélicos que utilizam o espaço para suas orações, ou pessoas que utilizam a Flona como rota alternativa de chegada à Rodovia Presidente Dutra, além de indivíduos fazendo caminhadas. Lutamos para fazer esse espaço de Seropédica ter vida, para que a população utilize. Com o lugar ganhando circulação, as pessoas – em especial as mulheres – vão se sentir mais seguras para frequentar à Flona. ■

Fotos: João Gabriel Castro



Residências Profissionais na UFRRJ

Programas de treinamento em serviço possibilitam a inserção qualificada de alunos no mercado de trabalho

João Gabriel Castro

Na transição da universidade para o mercado de trabalho, a experiência profissional na área de formação é essencial para o currículo do recém-graduado na hora da procura pelo primeiro emprego. Nesse contexto, os programas de Residência Profissional surgem como um complemento à graduação e possibilitam a inserção qualificada dos estudantes no mercado de trabalho.

Através de um treinamento em serviço, sob supervisão da instituição e de professores responsáveis pelos projetos, as residências promovem um aprimoramento de conhecimentos, habilidades e atitudes indispensáveis ao residente no exercício de sua profissão.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) possui modalidades diferentes de residências que são ofertadas ou por edital externo (Multiprofissional e Pedagógica), ou por edital interno (Iniciação Profissional). Os programas de residência da Universidade são financiados com verbas públicas ou verbas obtidas através de parcerias com empresas.

Residência Multiprofissional em Saúde

Ofertada via edital do Ministério da Educação (MEC), essa modalidade abrange áreas pro-

fissionais da saúde como, por exemplo, a Biomedicina, a Fonoaudiologia e a Medicina Veterinária. A Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde (CNRMS), coordenada pelo MEC e pelo Ministério da Saúde, é a responsável por avaliar as instituições habilitadas a oferecer o programa e se ele é orientado pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Na UFRRJ, o Hospital Veterinário (HV) conta com o segundo maior programa de Residência em Medicina Veterinária do país em número de bolsas. É também um dos únicos que, além da clínica e cirurgia de animais, oferece formação voltada para especialidades como, por exemplo, a oncologia, a dermatologia e a cardiologia. Segundo Andreza Amaral da Silva, professora e coordenadora do curso de Medicina Veterinária, esse é

o grande diferencial do programa. “A especialidade é a última vertente da Veterinária. Hoje em dia, apesar do nosso curso ter uma formação generalista, cada dia mais o mercado de trabalho exige as especialidades. Então, nesse sentido, nós estamos na vanguarda em relação aos programas de residência de outras universidades”, explica.

Com 56 residentes em atuação, o hospital possui três alas que prestam atendimento a pequenos animais (cães e gatos), grandes animais (equinos, bovinos, suínos, entre outros) e animais silvestres. A ala de silvestres também dá apoio ao Centro de Triagem de Animais Silvestres do Ibama (Cetas), em Seropédica. O horário de funcionamento é de segunda à sexta, de 7h30 às 17h, exceto às quartas (7h30 às 12h).

Destinado a profissionais de qualquer lugar do país com até três anos de formação em instituição pública ou privada, o programa de Residência em Medicina Veterinária possui duração de dois anos. A carga horária de 60 horas semanais é dividida entre a parte teórica e a parte prática. Os residentes

Iniciação Profissional. O agrônomo Gabriel Alves Botelho é residente do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar da UFRRJ

são avaliados semestralmente através de relatórios de atividades, provas de conhecimento e avaliações dos tutores. Ao final do programa, a entrega do trabalho de conclusão de curso é obrigatória para que o residente receba o certificado de especialista na área em que fez a residência. Rafaela da Silva Goes, 26 anos, integra a equipe de residentes do HV da UFRRJ há cerca de dois anos. Ex-aluna da Rural, Rafaela considera a residência uma oportunidade única. “Na época da graduação, eu tinha o hospital como referência. Sempre pensava: ‘eu preciso chegar lá!’. Trabalhando no hospital, com o volume de animais que a gente atende, eu me especializo tanto na teoria, quanto na prática. E recebo um auxílio para isso, o que é muito enriquecedor. É o ápice da minha realização profissional, pelo menos por agora”, conta.

Residência Pedagógica

Ofertada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a Residência Pedagógica é um dos programas que integram a Política Nacional de Formação



Residência Pedagógica. A estudante de Letras Wendy Larissa Vieira desenvolve atividades num colégio público de Nova Iguaçu

“

É um aprendizado constante e enriquecedor. Eu sou muito grata por ter essa oportunidade

Wendy Vieira, estudante de Letras/UFRRJ

de Professores. Unindo teoria e prática, esse programa proporciona um aperfeiçoamento da formação de alunos das áreas de licenciatura. A UFRRJ possui 14 cursos participantes do programa, sendo três deles divididos entre Seropédica e Nova Iguaçu.

Com duração de 18 meses, a residência é dividida em quatro partes: preparação, ambientação, imersão e avaliação. Na preparação, os residentes recebem cursos onde são apresentados aos projetos e às primeiras discussões sobre o campo de formação da licenciatura. Na ambientação, é feito o primeiro contato entre os licenciandos e as escolas na rede pública de educação básica (escola-campo), através de um acompanhamento da rotina da direção das escolas, dos conselhos de classe e dos projetos pedagógicos existentes nas unidades. Ao final da ambientação, os residentes e seus preceptores elaboram um plano de trabalho.

Na etapa seguinte, ocorre a imersão do licenciando nas escolas e na prática da regência de sala de aula. Essa regência é feita por meio do acompanhamento de aulas, da construção de um suporte material e pedagógico para uma aula, de intervenções pontuais na sala de aula do professor, sob a supervisão dele, e através do auxílio na construção de projetos pedagógicos na escola-campo. Já a quarta e última etapa é a de avaliação, quando o residen-

te elabora um relatório final e expõe seus resultados. Ao final desse ciclo, o aluno completa uma carga horária de 440 horas.

O programa de Residência Pedagógica é voltado para alunos da UFRRJ em formação que estejam cursando a segunda metade de seu curso (a partir do 5º período). O processo seletivo considera uma carta de intenções do licenciando, avaliação de documentos e entrevista realizada por professores. Wendy Larissa Vieira, 21 anos, aluna do 6º período do curso de Letras-Português/Literaturas do câmpus Nova Iguaçu, é residente no Colégio Estadual Dom Adriano Hipólito há dez meses. Ela ressalta a importância do programa para a sua formação. “Além da bolsa me ajudar a me manter na universidade, eu gosto muito do ambiente escolar. É muito bom poder lidar com os alunos, com a equipe pedagógica, com os outros profissionais da escola. É um aprendizado constante e enriquecedor. Eu sou muito grata por ter essa oportunidade”, afirma.

Residência em Iniciação Profissional

Em 2018, a Pró-Reitoria de Extensão da UFRRJ (Proext) deu início ao Programa de Residência em Iniciação Profissional, com Regulamento aprovado pela Procuradoria (Proger),. Oferecidas pela própria instituição e organizadas por professores em campos específicos

ou multidisciplinares, as residências podem ser internas (na UFRRJ) ou externas (em instituições parceiras).

O Programa de Residência em Iniciação Profissional em Agronomia da UFRRJ, realizado com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica (Fapur), possui residentes em atuação interna e externa em Seropédica, Nova Iguaçu e Três Rios.

Apesar de adaptado aos novos moldes, o programa existe desde o ano de 2000. Segundo o professor Eduardo Lima, idealizador e coordenador da residência, o projeto é um sucesso. “Mais de 70% dos residentes que passaram pelo programa foram inseridos no mercado de trabalho. Ou o residente ficou no local onde desenvolveu a residência, ou ele, através da experiência que obteve durante o programa, conseguiu outro trabalho”, conta.

O processo de seleção dos residentes é dividido em três etapas: uma prova escrita, a análise do currículo do candidato e, por fim, uma entrevista com professores envolvidos no projeto e também com representantes das empresas, em casos de residência externa. Com até dois anos de duração, a residência em Agronomia não é restrita a UFRRJ: qualquer engenheiro agrônomo do país com até três anos de formação está apto a se candidatar.

Gabriel Alves Botelho, 34 anos, é residente do Programa

de Fortalecimento da Agricultura Familiar da UFRRJ, que oferece acompanhamento, assistência técnica e capacitação a agricultores locais e da região do entorno dos câmpus da Universidade. Para Gabriel, sua atuação como residente também possui um caráter social. “Além de aprimorar minha parte técnica e diversificar meus conhecimentos, lido com um público vulnerável, que são produtores familiares esquecidos pelas políticas públicas. Então, o meu trabalho tem um impacto grande na vida dessas pessoas. Isso é gratificante para mim, porque, como agrônomo, vejo que estou cumprindo um compromisso social de devolver para a sociedade todo o investimento feito por ela durante a minha formação na universidade pública”, declara. ■

Saiba mais sobre os programas de residência da UFRRJ:

Residência Multiprofissional:
<https://servicos.ufrj.br/concursos/>

Residência Pedagógica:
<http://portal.ufrj.br/pro-reitoria-de-graduacao/>

Residência em Iniciação Profissional:
<http://portal.ufrj.br/pro-reitoria-de-extensao/>

De cara nova

Designers promovem a expansão da identidade visual da Rural



Fernanda Barbosa

Designers unidos. Desde 2018, comunicadores visuais da UFRRJ trabalham na expansão da identidade visual da instituição

Fernanda Barbosa

Quem lê as notícias produzidas em nossos canais de comunicação e tem contato com materiais institucionais como cartazes de eventos e banners já reparou: a Rural está de cara nova! A identidade visual da Universidade vem mudando, tornando-se mais moderna e adaptada aos diferentes usos dentro da comunidade universitária.

Não é difícil perceber pelos corredores, no *site* e nas redes sociais da UFRRJ o belo elemento gráfico inspirado nos arcos ruralinos, composto de círculos e semicírculos que dão origem a uma infinidade de outros ícones.

Além desse novo elemento gráfico adicionado à marca, o grupo de profissionais *designers* da instituição trouxe uma série de iniciativas que marca a expansão da identidade visual da UFRRJ. Entre elas, a ampliação da paleta de cores de apoio e a inserção da cor branca, ao lado das cores azul, verde e amarelo, como cor principal. Agora o grupo discute a ideia de criação de um manual da marca para facilitar a adesão da comunidade acadêmica a essas mudanças.

“Algumas regras serão rígidas; por exemplo, em relação ao uso da própria marca, que não pode ser alterada ou utilizada para fazer outra. Com o manual vamos dar orientações sobre os símbolos dos diferentes setores dentro da instituição, porque ainda é comum o uso indiscriminado de nossa marca. As pessoas criam de forma arbitrária, não vemos

uma unidade, e até mesmo usam nosso símbolo de forma errada, aplicando cores que não existem na paleta”, explica Patrícia Perez, *designer* lotada na Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) e com mais tempo de casa.

Patrícia explica que, ao tomar posse, em 2014, a renovação da identidade visual da UFRRJ já era uma intenção da CCS, algo que só se tornou viável com a chegada de mais quatro colegas que hoje compõem o quadro de profissionais da área de comunicação visual da instituição. No final de 2018, o projeto finalmente começou a dar frutos e o grupo apresentou seus primeiros resultados e propostas à Reitoria.

Lotada na Imprensa Universitária, que atende às demandas de produção e impressão gráfica de boa parte dos estudantes e docentes, Juliana Afonso conta que, antes da formação do grupo de trabalho dos *designers*, ela já conduzia projetos isolados. “Como não tínhamos essa estrutura da identidade visual, criávamos um visual independente para cada projeto que surgia. Agora já conseguimos direcionar

nosso trabalho para uma unidade e as pessoas vêm aceitando bem. Antes elas criavam seu material conforme conseguiam, pois havia uma carência muito grande de comunicadores visuais”, explica Juliana, que traz o exemplo de setores como a Divisão de Atenção à Saúde do Trabalhador (Dast), que vem demandando projetos e contando com o apoio dos *designers* da Rural em vez de tentar criar por conta própria.

Samuel Coelho, servidor da UFRRJ desde 2018, também lotado na Imprensa, ressalta a importância dessa iniciativa: “É a questão de você poder ver a Universidade e seus setores tendo uma unidade. É bastante estimulante ver uma identidade sendo formada. As pessoas veem um material e identificam que aquilo é da Rural, porque os elementos e as cores e a forma de fazer mantêm essa unidade. Hoje, mesmo que você faça algo para a Veterinária e para a Zootecnia, elas têm elementos em comum”.

Alexandre Souto, lotado na CCS, lembra a importância da comunidade universitária tomar conhecimento desse grupo de profissionais: “A partir dessa identidade visual, podemos mostrar nosso trabalho, permitindo também que mais pessoas nos procurem para projetos visuais”.

O elemento gráfico

Os *designers* são unânimes

em afirmar que o elemento gráfico adicionado à identidade visual é a “cereja do bolo”. Luciano Skorianez, mais um servidor lotado na Imprensa, explica como foi o processo criativo: “O projeto de identidade visual já estava sendo trabalhado pela Patrícia com uma linha gráfica que utilizava círculos. Então trabalhei com seções de círculos – juntei vários círculos e comecei a cortá-los. Foram surgindo elementos com os quais você pode criar uma série de formas, tanto formas figurativas, como a joaninha, como formas abstratas, que remetem a folhagens, bolhas, formas orgânicas... Isso de você criar todo tipo de forma de maneira orgânica tem tudo a ver com a instituição”.

Com a concretização do manual da marca, a intenção do grupo é avançar para a criação de um *site* no qual os usuários poderão baixar modelos prontos já com esses elementos, tendo autonomia para inseri-los em apresentações, cartões de visitas e outros itens de papelaria. A ideia também é promover *workshops* e palestras apresentando as boas práticas, mostrando como utilizar o manual e como pedir ajuda ao grupo de trabalho. No futuro, o grupo tem a proposta de sinalização da Universidade, onde os institutos e vários setores da instituição teriam seus próprios ícones. ■

Sipat na UFRRJ

Após atraso causado pelas chuvas, câmpus Seropédica sedia o fechamento desta primeira edição



Cultura da prevenção. Com encerramento em Seropédica, Sipat abordou temas como segurança laboratorial, riscos do trabalho rural e adicionais ocupacionais

Filipe Lima

Pela primeira vez em sua história, a Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho (Sipat) foi realizada na UFRRJ. Os câmpus de Três Rios, Nova Iguaçu e Campos dos Goytacazes sediaram o evento no chamado “abril verde” – mês em que se discute a cultura para prevenção de acidentes no trabalho e doenças ocupacionais. Seropédica, por conta das fortes chuvas que assolaram o Rio de Janeiro, precisou transferir a data do evento para 16 de maio (ver box).

A ideia da Sipat é dar protagonismo ao trabalhador, abordando temas como segurança laboratorial, riscos do trabalho rural e adicionais ocupacionais – direito ao acréscimo salarial para trabalhadores em situação de insalubridade, periculosidade, irradiação ionizante e gratificação por trabalhos com raios-X ou substâncias radioativas.

Para Patrícia Nogueira, vice-coordenadora da Divisão de Atenção à Saúde ao Trabalhador (Dast) e uma das organizadoras do evento, difundir o conhecimento é fundamental, sendo esta a principal função da Semana. “Às vezes algo básico ensinado em uma palestra pode evitar que o trabalhador venha a se acidentar e ter sequelas físicas que podem afetar não só sua vida no trabalho, como também pessoal”, afirmou. Patrícia destaca ainda que quem detém o conhecimento sobre todo o processo de trabalho é o próprio trabalhador.

O engenheiro de segurança do trabalho, palestrante e coordenador da Sipat, Felipe dos Santos Ai, ressaltou a fragilidade da legislação – a Norma

Regulamentadora 5, responsável por padronizar, fiscalizar e orientar parâmetros sobre saúde e segurança no trabalho. “Divulgando um pouco mais o conhecimento, a gente filtra as dúvidas e as perguntas dos servidores, as indignações. Às vezes o pessoal chega aqui um pouco chateado. Os adicionais ocupacionais não são uma mera vontade política, há toda uma legislação que não é a ideal, mas é a que a gente tem de seguir. É algo que muitas vezes até contraria os aspectos técnicos de engenharia de segurança e de exposição de risco”, diz o engenheiro.

O debate sobre as normas reguladoras tem sido constante, já que recentemente o presidente da República, Jair Bolsonaro, sinalizou na intenção de “desburocratizar” as regulamentações de segurança.

Percepção de risco e aproximação com os estudantes

Filipe Ai disse também que o objetivo da semana de prevenção é trazer temas que “não sejam muito fora da realidade ou específicos”, voltados para

o servidor público federal, mas que não deixe de englobar os terceirizados e nem os próprios estudantes. “A ideia é trazer para os servidores a primeira ideia de segurança de trabalho, que é uma área comprometida no serviço público. Vemos servidores às vezes em lugares muito ruins. Então, temos de começar a trazer essa percepção de risco”, conclui.

Visando à aproximação com os estudantes, o evento contou também com temas sobre segurança universitária e inteligência emocional na relação acadêmica. “Entendemos o aluno como um futuro trabalhador e que, de certa forma, algumas temáticas da Sipat também podem beneficiar e interessar a eles”, finaliza Patrícia Nogueira.

Participantes opinam

O analista de Tecnologia da Informação, da Coordenadoria de Tecnologia da Informação e Comunicação (Cotic), Eliel Zery Ramos Junior, ressaltou a importância do evento, mas criticou a falta de adesão ao evento. “É algo importante, mas acho que o pessoal deveria aperfeiçoar mais, colocar mais coisas para chamar atenção, pois a quantidade de funcionários presentes era muito pequena”, disse.

Por outro lado, Sílvio Cesar dos Santos, guarda universitário pela Divisão de Guarda e Segurança (DGV), elogiou o nível das palestras apresentadas.

“Gostei muito do evento por vários motivos, dentre eles saber que existe uma divisão da Rural voltada para atender os trabalhadores”, comentou Sílvio. “Com certeza vou participar do próximo e levar alguns amigos do meu setor”. ■

O evento no câmpus Seropédica

No dia 16 de maio, na abertura do evento, estiveram presentes representantes da Pró-Reitoria de Assuntos Administrativos (Proad), da Divisão de Atenção à Saúde ao Trabalhador (Dast), do Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Rural (Sintur), da Associação de Docentes da UFRRJ (Adur) e do Fórum SIASS (Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor). A Sipat Seropédica ocorreu no Auditório Hilton Salles.

Em sua fala de abertura, a professora Amparo Villa Cupolillo, pró-reitora de assuntos administrativos, ressaltou a importância do evento para debates e ampliação dos conhecimentos sobre a segurança do trabalhador.

A primeira palestra do dia, intitulada “O Trabalhador como Protagonista”, foi apresentada por Rômulo Bandeira. À tarde, foram apresentadas palestras sobre segurança em laboratórios, adicionais ocupacionais e inteligência emocional. No final do evento, foi realizada a mesa redonda “Segurança Universitária – Cenário atual e desafios”.

(Por Leandro Silva)

Doutorando da UFRRJ participa de evento na Finlândia

O doutorando Carlos Eduardo Silveira da Silva, do programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Florestais (PPGCAF/IF) participou do Hyber-FinnCeres Symposium, realizado entre os dias 15 a 17 de maio, em Helsinque, capital da Finlândia. O estudante faz intercâmbio na Aalto University da Finlândia, desenvolvendo trabalho sobre a valorização de espécies madeiras nativas do Brasil em aplicações de biorrefinaria florestal, além de avaliar processos químicos para geração de biomateriais e bioenergia. Na Rural, o aluno é orientado pelos professores do PPGCAF Fernando Gomes, Alexandre Carvalho e João Latorraca. Na Europa, Carlos Silva interage com o grupo Biobased Colloids and Materials (BiCMat), da Aalto University, sendo supervisionado pelos professores Orlando Rojas e Mikhail Balakshin.

Gênero, maternidade e ciência em debate

No dia 22 de maio, foi realizada a mesa “Gênero, Maternidade e Ciência: a universidade que queremos”, no Pavilhão de Aulas Teóricas (PAT), câmpus Seropédica. O debate reuniu Letícia Oliveira, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biomédicas da UFF e integrante do comitê de gênero da Capes; Moema Guedes, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFRRJ); Juliana Borges, doutoranda do PPGCS e integrante do Coletivo de Pais e Mães da Rural (Copama); e Juliana Arruda, pró-reitora adjunta de Assuntos Estudantis da UFRRJ. Na ocasião, foi exibido o documentário ‘Fator F’, produzido por Gênero e Número (Gn), com o apoio do Instituto Serrapilheira. O filme traz um panorama sobre os obstáculos enfrentados pelas mulheres que combinam carreira científica e maternidade. Assista neste link: www.generonumero.media/doc-gn-fator-f

Em entrevista à Rádio Nacional, professor alerta sobre riscos do aterro

O professor Cicero Pimenteira (Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – DDAS/ICHS) participou do Programa Revista Brasil, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Em entrevista ao jornalista Cezar Faccioli, realizada em 20 de maio, o docente da UFRRJ avaliou a situação de alerta ambiental na Baía de Guanabara, Baía de Sepetiba e Aquífero Piranema, devido ao risco de contaminação causado pelo aumento de volume de chorume gerado pelo Aterro Sanitário do Seropédica. Acesse o áudio da entrevista em <https://bit.ly/2WwO2mY>



Professora da Rural no simpósio da ONU

A professora Lucia Helena Anjos (Instituto de Agronomia), pró-reitora adjunta de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRRJ, participou do Simpósio Global sobre Erosão do Solo (GSER19), realizado de 15 a 17 de maio, em Roma. O evento, promovido pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO/ONU), reuniu cerca de 500 pessoas, de mais de 100 países, com o objetivo de discutir medidas para reduzir a erosão do solo no planeta. A professora Lucia Anjos (*na foto, a 3ª da esq. à dir.*) é representante do Brasil no Intergovernmental Technical Panel on Soils (ITPS), que reúne especialistas de todo o mundo para tratar de questões globais relacionadas ao tema.

Plantio de árvores marca Dia do Zootecnista no IZ

Durante as comemorações do Dia do Zootecnista, em 13 de maio, 93 mudas de árvores de diferentes espécies foram plantadas no Instituto de Zootecnia. Cada uma delas representou uma turma que já passou ou ainda está no IZ. Foram convidados representantes das turmas para efetuarem o plantio.

“Tivemos o prazer de contar com a presença de ex-alunos, bem como grande participação dos atuais”, disse o professor João Carlos Almeida (IZ/UFRRJ), que organizou o evento. “Registre-se a grande colaboração do servidor Eliseu Félix da Costa, do Setor de Conservação de Parques e Jardins (Prefeitura Universitária), sem o qual tal iniciativa não teria o sucesso que teve. Construímos, assim, o Bosque do Ex-aluno, para que cada um deles tenha suas ‘raízes’ fincadas no Instituto de Zootecnia”.

Rural Semanal

Reitor: Ricardo Luiz Louro Barbra | **Vice-Reitor:** Luiz Carlos de Oliveira Lima | **Pró-Reitora de Assuntos Administrativos:** Amparo Villa Cupolillo | **Pró-Reitor de Assuntos Financeiros:** Reginaldo Antunes dos Santos | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto Da Ros | **Pró-Reitor de Graduação:** Joecildo Francisco Rocha | **Pró-Reitor de Extensão:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Alexandre Fortes | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Roberto de Souza Rodrigues | **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL** | **Coordenadora de Comunicação Social:** Alessandra de Carvalho | **Jornalistas:** Fernanda Barbosa, João Henrique Oliveira, Michelle Carneiro, Miriam Braz e Ricardo Portugal | **Estagiários:** Caroline Verly, Filipe Lima, João Gabriel Castro, Leandro Silva, Thatielle Gois e Yago Monteiro (Seropédica); Gabriela Lessa (Campos dos Goytacazes) | **Foto de Capa:** João Gabriel Castro | **Projeto Gráfico:** Patricia Perez | **Diagramação:** Alexandre Souza e Patricia Perez | **Imagens:** Freepick e Freelmages | **Redação:** BR 465, Km 47. UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | CEP: 23897-000 | Tel: (21) 2682-2915 | E-mail: comunicacao@ufrj.br | Portal: <http://portal.ufrj.br>

